

***Volver o no volver? Expectativas, incertidumbres, dilemas y fracturas frente al desexilio entre los argentinos en Rio Grande do Sul, Brasil, en la década del ochenta.***

Fernández, Jorge Christian<sup>1</sup>

**Resumen**

Este artículo presenta una mirada histórica sobre el proceso decisorio en torno al regreso, o a su posibilidad, entre los emigrados argentinos en Rio Grande do Sul, Brasil, a partir de fines del 1983. El artículo pretende historicizar este proceso a partir de la pluralidad de entrevistas orales realizadas con sujetos emigrados, hoy residentes en Brasil y la Argentina. El marco temporal específico de la transición democrática significó, para la mayoría de los exiliados por razones políticas, la posibilidad legal de repatriación. Pero no solamente. El inicial optimismo y la esperanza traídos por la democracia también contagiaron a muchos que habían emigrado por otros motivos, además de cuestiones político-ideológicas, pues la idea del retorno a la tierra natal poblaba, de modo general, el imaginario de los desterrados. Entretanto, el hecho de concretar el retorno no se constituyó una simple tarea. Significaba una operación sumamente compleja, que involucraba costos, problemas y riesgos, no solo en términos materiales concretos, pero que particularmente afectaba doblemente la identidad del individuo, ya primordialmente desestructurado por el desarraigo inicial. Además, la posibilidad del retorno provocaba un dilema, donde factores objetivos y subjetivos se entrecruzaban dialécticamente en dinámicas distintas, pero similares en complejidad.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto, Curso de Historia, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil. O presente artigo é uma adaptação de parte do Capítulo 6 da Tese de Doutorado do autor: *Anclaos en Brasil: a presença argentina no Rio Grande do Sul (1966 - 1989)*, defendida em 2011, no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a orientação da Profa. Dra. Claudia Wasserman.

## ***¿Volver o no volver? Expectativas, incertezas, dilemas e fraturas frente ao desexilio entre os argentinos no Rio Grande do Sul, Brasil, na década de oitenta.***

**Jorge Christian Fernandez**

O fim da ditadura civil-militar e o retorno ao regime democrático na Argentina, em dezembro de 1983, significaram a possibilidade de retorno para os expatriados, principalmente para aqueles exilados por motivos essencialmente políticos (embora também não “todos”, como veremos).

Desde meados de 1982, com o enfraquecimento da ditadura após o desastre das Malvinas, já se percebia um movimento de retorno, de caráter incipiente e individual. Entretanto, a formalização de uma ação coletiva e organizada para propiciar a volta dos expatriados por razões políticas, somente ocorreria em julho de 1983, com a fundação da *Oficina de Solidariedad para Exiliados Argentinos*, a OSEA. (*Informe II Jornadas OSEA*, setembro 1988). Composta por diversos organismos de Direitos Humanos nacionais, e contando com o apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), assim como de organizações não governamentais estrangeiras, a OSEA foi o marco inicial de um processo de desexilio organizado.

Enquanto isso, o governo eleito começava a ser demandado sobre a questão do exílio. No dia seguinte à cerimônia da posse presidencial, em uma entrevista dada por Alfonsín ao jornalista Martin Prieto, correspondente do jornal madrileno *El País*, o presidente eleito foi inquirido a respeito do problema dos argentinos no exílio, ao que respondeu da seguinte forma:

“Que regresen a este país, y lo pido aun sabiendo que argentinos que ya han soportado hasta dos exilios; que tengan confianza en esta etapa de nuestra vida política, que sepan que no habrá más problemas en la Argentina y que los necesitamos aquí” (*El País*, 11/12/1983).

No entanto, este vago “chamado” ao retorno, que parecia confiar no apelo democrático como um elemento suficientemente válido para operar um efeito inverso ao da expatriação, não abrangia o universo dos exilados, muito antes pelo contrário. Pois, a continuação, Alfonsín frisava bem quem poderia retornar ou quem não. Os sublinhados são nossos:

“Desde luego, no quiero dejar de recordar que lo que me parece inoportuno a este respecto es la intención de regresar que albergan algunos jefes de la guerrilla subversiva, aún sé que han proclamado muy firmemente su decisión de actuar en el futuro de otra manera. Pienso que el pueblo argentino, sin distinción de credos políticos, estima que la contribución más importante que ahora pueden prestar es no regresar al país. Todo lo contrario de la contribución que yo pido a decenas de miles de argentinos que con su inteligencia y su preparación, están enriqueciendo a los países más desarrollados de la tierra. A todos ellos tenemos que

hacerlos regresar, pero no mediante estímulos materiales, sino convenciéndoles de que pueden llevar a cabo, en su país, el trabajo que ahora desarrollan brillantemente en beneficios de otros pueblos” (*El País*, 11/12/1983).

Em termos, a proclama pelo retorno dos emigrados estava claramente balizada pela “teoria dos dois demônios”<sup>2</sup> e carregava inegáveis traços do discurso anti-subversivo militar, o que pode ser percebido pela simples utilização do adjetivo “subversiva” aplicado ao substantivo “guerrilha”. Apesar do caráter genérico e despolitizador do discurso de Alfonsín (onde se omitem os motivos que provocaram a saída de tais pessoas) a declaração tinha, no entanto, um alvo bem definido: cientistas, professores e técnicos radicados no exterior, não necessariamente exilados políticos. É evidente que o que governo radical realmente pretendia e interessava era uma espécie de reversão da denominada “fuga de cérebros” que ocorria há, pelo menos, duas décadas e não particularmente enfrentar o problema do exílio, que pouco afetara seus quadros políticos.

Posteriormente, o governo Alfonsín estabeleceu, via decreto, em junho de 1984, uma *Comisión Nacional para el Retorno de los Argentinos en el Exterior* (CNRAE), vinculada ao Poder Executivo e cujo objetivo declarado era auxiliar na repatriação dos emigrados de um modo geral (sem maiores especificações quanto ao caráter político, social ou econômico destes), mas especialmente aqueles que, na concepção peculiar do governo, “puedan contribuir con el desarrollo economico, cultural y científico del país” (Zuccotti, 1987: 99).

Esse era o contexto em que muitos exilados, desde os esperançosos e imbuídos de confiança pelos novos rumos da Argentina e até mesmo alguns dos céticos a respeito, começaram a fazer as suas malas (alguns já as tinham prontas ou sequer as tinham desfeito) e planejar a tão ansiada volta.

### **A(s) encruzilhada(s) do(s) retorno(s)**

De um modo geral, a idéia do retorno permeava a existência cotidiana daqueles que partiram para o exílio. Embora muito idealizado e desejado, a efetivação do retorno não se constituía em uma tarefa simples. Empreender a volta costumava ser uma operação dispendiosa e arriscada, tanto em termos monetários quanto no plano individual, pois o retorno implica em uma nova ruptura nas vinculações sociais e uma desordem da dinâmica da vida cotidiana. Além do mais, na tomada de decisão frente ao dilema de “retornar ou não” intervinham múltiplos

---

<sup>2</sup> A “teoria dos dois demônios” partia do pressuposto que tanto os comandantes das sucessivas juntas militares, quanto os chefes das organizações guerrilheiras deveriam ser colocados no banco dos réus, apesar das óbvias assimetrias que existiam entre supostos “bandos” combatentes. Tal teoria havia se tornado um eixo do discurso oficial do governo Alfonsín e um marco do imediato pós-ditadura. Na prática, a “teoria dos dois demônios” levou a um profundo processo de despolitização para priorizar a condena das violações dos direitos humanos por parte dos militares. Era também uma estratégia da promotoria no julgamento dos ex-comandantes das juntas militares. Portanto, todas as pessoas atingidas pelo terrorismo de Estado foram “purificadas” de seu passado de ativismo político para serem transformadas em objetos inertes que sofreram uma ação externa, apenas “vítimas inocentes” (Vezzetti, 2002: 119). Para Novaro e Palermo (2003: 489), havia uma necessidade de modelar as identidades e o passado incômodo das vítimas, de forma que permitisse resgatar raízes republicanas y democráticas. Assim, o respeito à lei e as instituições democráticas exigiam atores “inocentes” e não militantes combativos que houvessem ameaçado de algum modo a ordem democrático-burguesa que se pretendia reimplantar.

fatores subjetivos e objetivos, ou seja, verdadeiros espaços intersticiais onde se entrelaçavam dinâmicas distintas (desde a subjetividade, passando por problemas familiares até a conjuntura política e econômica) e que complexificavam ainda mais a tomada de decisão. Tais questões e dilemas também se fizeram presentes na vida de alguns dos exilados argentinos que encontraram sua acolhida no Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, tal como pudemos observar ao longo dos seus testemunhos<sup>3</sup>. Vamos a eles:

Andrea T. havia sido um quadro político do *Partido Revolucionário de los Trabajadores/Ejército Revolucionario Del Pueblo* (PRT/ERP). Desde 1978 ela estava residindo em Porto Alegre e até cogitou a possibilidade de retorno com o processo de redemocratização. Profissionalmente, ela atuara como professora universitária concursada na Argentina, até ser impedida de trabalhar devido a sua exoneração do cargo na universidade pelo regime ditatorial. Como professora e pesquisadora pós-graduada no exterior, ela se encaixava perfeitamente no perfil desejado do CNRAE. Entretanto, ela estava pouco disposta a enfrentar os riscos do desenraizamento, para si e especialmente para seu filho, criado no Brasil, além das inúmeras dificuldades de um recomeço. Porém, além disso, questões de fundo político pesaram na sua decisão de permanecer no Brasil, tal como a permanente situação de instabilidade política, mas também a própria cultura política argentina, baseada na polarização, no extremismo e na negação do outro, elementos que contribuiriam para aumentar a insegurança em relação à projeção de futuro na Argentina, algo que, na sua percepção, era quase impossível de ser realizado. Em contrapartida, Andrea ponderava que no Brasil seria possível planejar o futuro:

*“Yo iba a ser una desarraigada. Desarraigada en el sentido siguiente: que un poco no sólo de aquí, ni sólo de allá y sólo de los dos lugares, viste [...] En Argentina no se puede proyectar que va a suceder de acá a tres, cuatro años. Acá sí se puede. Porque va a salir el PT y va a entrar el PSDB... bueno, va a mudar alguna cosa, pero no gran cosa. Allá no. ¡Allá sube uno y cambia todo! Y sube el otro y se van de un lado para el otro. Entonces, yo pensé: Yo no lo voy a desarraigar a [seu filho] que ya tiene todos sus amigos aquí, que ya se educó aquí... que él no se da cuenta y hincha por la Selección Argentina [risos]. Pero no es lo mismo que vivir allá. Si se fuese allá, el vería que le cuesta mucho más allá que le cuesta acá. ¡No, me voy a quedar aquí y chau!”*  
(Entrevista com Andrea T. realizada em Porto Alegre - 01/04/2008)

Ernesto T., estudante-trabalhador de La Plata gravitara em torno a Juventude Peronista antes do Golpe de 1976. Embora não militasse organicamente, ele estava atemorizado, pois tivera alguns amigos mortos e desaparecidos, o que o fez aceitar

---

<sup>3</sup> As entrevistas foram todas realizadas pelo autor em Porto Alegre e La Rioja (via telefônica) em um longo e descontínuo período compreendido entre janeiro de 2001 e agosto de 2010. Deve ser observado que a maioria dos entrevistados preferiu o anonimato. Estes são identificados apenas por um nome fictício.

prontamente uma proposta de trabalho no Brasil, em meados de 1977. Ernesto foi mais um dos que pensou em retornar, mas, em 1983, a sua vida havia mudado de tal modo que a volta já não se configurava como algo plausível. Já formara família e a sua prole era brasileira. Criara raízes novas e suas prioridades agora eram outras: [...] “*Y yo estaba casado, mi señora es economista, funcionaria pública; yo trabajando también, criando a la nena...*” (Entrevista com Ernesto T. realizada em Porto Alegre – 08/08/2008)

Mas alguns entrevistados parecem sequer ter cogitado a possibilidade do retorno. Vejamos o caso de Mariana A., estudante universitária, simpatizante de esquerda (contudo, sem militância partidária específica) e que deixara a Argentina em 1980, após ter sofrido uma prisão ilegal. Ela foi peremptória em suas respostas e parece que o discurso da redemocratização não chegou a sensibilizá-la ou sobrepor-se as suas vivências traumáticas então ainda recentes:

*“P: Deixa eu te fazer mais uma pergunta, tu chegaste a pensar em algum momento em voltar para lá?*

*Nunca, jamais.*

*P: Não cogitou nem com o retorno da democracia...*

*Nem pensar. Nem nas piores crises matrimoniais (risos)!*

*[...] Não, às vezes tu voltas e vais fazer a justificativa ‘não, agora a democracia voltou...’ Não, **nem pensar!** Nunca, jamais.”* (Entrevista com Mariana A. realizada em Porto Alegre - 11/09/2007)

Por sinal, o apelo do “retorno da democracia” nem sempre pode ter exercido atração no heterogêneo universo dos emigrados. Geralmente, setores oriundos do peronismo (especialmente os de esquerda, mas não somente) e da esquerda tinham severas restrições com os radicais no poder, embora não exatamente contra Alfonsín: este costumava ser respeitado por sua militância junto aos organismos de direitos humanos. A resistência frente aos radicais explicava-se pela própria história da UCR, associada ao Golpe de 1955 e suas vinculações com o aparato militar e o *establishment* civil, o que levou a que setores dentro da UCR tivessem apoiado e mesmo participado do governo da ditadura de 1976-1983. Entretanto, não deve ser esquecido que setores (de direita) do próprio peronismo também estiveram em estreita vinculação com os golpistas: era o caso do grupo em torno ao candidato à presidência Ítalo Luder, quem, nos idos de 1975 e substituindo Isabel Perón, foi o responsável por assinar o famoso decreto que outorgou aos militares a carta branca para “aniquilar” a guerrilha.

Dois depoentes, ambos peronistas de esquerda, nos ofereceram as seguintes e esclarecedoras narrativas. Perguntamos a Ernesto como recebeu a democracia:

*“Y con mucha decepción. Yo sabía que iba a pasar eso por la extracción de ellos, los radicales, el retrospecto de ellos dice eso. Pero mucha decepción con los candidatos que llevó el peronismo. No voté, pero muchos de los amigos míos de Argentina no los votaron. Uno de los que habían vuelto me dijo: - ¿qué querés, que lo ganemos y que me tenga que ir*

*otra vez?” (Entrevista com Ernesto T. realizada em Porto Alegre – 08/08/2008)*

Ou seja, Ernesto rejeitava os radicais, mas também considerava inviável a opção peronista de direita, a qual teria levado a que muitos peronistas não apoiassem ao candidato oficial do movimento.

Já Juan P., ex-combatente *montonero* que clandestinamente entrou no Brasil poucos meses após o Golpe de 1976, escapando da cidade de Córdoba, justificou a sua negativa a retornar, em boa parte, ao fato do *radicalismo* (o qual abominava) ter assumido o governo, independente da facção que havia chegado ao poder:

*“P: La democracia, ¿cómo la recibe? ¿Cogita la idea de volver allá?”*

*Sí y no. Por un lado, lo bueno de poder cambiar la historia del país. Por el otro, jamás he tenido confianza en el Partido Radical. Entonces, por ser peronista, hay cosas que jamás... No, no acepto esto de que ‘radicales tal’ y ‘radicales cual’. Para mí, radical es radical. ¡ Y se acabó la historia!”*

*(Entrevista com Juan. P. realizada em Porto Alegre - 09/08/2008)*

Ambos os depoimentos acima exemplificam bem o extremismo reinante na cultura política argentina e sua histórica lógica de exclusão do adversário. Mas, além da querela política, parece que boa parte dos exilados no sul do Brasil, como Andrea e Juan, preferiu poupar a si próprio e a seu núcleo familiar do desgastante processo do *desexilio* para não sofrer com o eterno desenraizamento. Entre os fatores elencados pelos entrevistados para justificar a permanência destacava-se que já haviam se adaptado e construído uma nova vida no Brasil. Assim, para não transformar-se na “planta monstruosa de raízes flutuantes” a qual aludia o poeta Juan Gelman (2006), muitos desses argentinos decidiram fincar definitivamente as suas raízes em solo brasileiro.

*“Cuando asume Alfonsín, la familia, en realidad, todo el mundo [disse]: No, ya está... [a democracia] No, primero por ese hecho, y segundo por la economía, es una realidad. Era reconstruir todo, salir de nuevo, tu sabes que el desarraigo es algo terrible, [...] y se sufre y ya nos habíamos desarraigado mucho al salir del país nuestro y después de nuevo, desarraigarse de Brasil para una aventura que no sabíamos cómo iba a terminar... yo tomé la decisión que **no**: voy a seguir acá, aunque me cueste más tiempo. Uno ya estaba con una adaptación a la sociedad brasilera, en la cual no existen todos los problemas que existen en la Argentina, entonces dije **no**.” (Entrevista com Juan. P. realizada em Porto Alegre - 09/08/2008)*

No entanto, Juan (e certamente outros em situação similar) tinha outro motivo para não retornar: o risco de ser responsabilizado judicialmente, no marco da “teoria dos dois demônios”:

*“Y otro porque también la lectura que tenía de algunos compañeros que estaban volviendo era muy grave. [...] Yo me acuerdo [...] el canciller de Alfonsín era Dante Caputo, aquí tuvimos una reunión con él. Hizo un recorrido por todos los países donde había exiliados haciéndole la invitación a que vuelvan, que había una ‘vuelta a la democracia’, que iba a hacer la amnistía a todo el mundo... y es un poco la lectura que yo hice, que era llevarnos de nuevo a una historia sin salida... Yo creo que la gente que tenía una militancia tan fuerte, por lo menos en lo militar, no digo ni siquiera en lo político, hasta lo podían tener. [Ou seja] que habían participado de hechos militares **fuertes**, creo que le quedaba todavía la duda de volver al país y encontrarse con una serie de actitudes que no la sabíamos interpretar, uno no sabía si volvía y que pasaba? ¿Nos juzgaban por todos los hechos? ¿O la amnistía era para que simplemente se olvidaran de todo? ¿Quién se olvida de todo? Bueno, hoy estamos casi [...] y seguimos en discusión de juicios... Creo que hice la lectura correcta, a mi punto de vista. Yo digo: yo participé de **actos militares**, no tengo porque volver y contarle esa historia a nadie. [...] Algo me decía que no era el momento”.*  
(Entrevista com Juan. P. realizada em Porto Alegre - 09/08/2008)

Por haver atuado como “oficial” da organização *Montoneros* (cujas lideranças máximas começavam a ser processadas) ele temia que, se retornasse, também poderia ser enquadrado legalmente e julgado devido a sua participação em ações militares da guerrilha. Na sua percepção, inclusive, desconfiava que a anistia proposta pudesse ser mais uma “armadilha” maquiavélica do inimigo. Logo, frente a tantas incertezas, Juan preferiu não regressar naquele momento.

### **Retornos: das doces ilusões ao encontro com a amarga realidade**

Enquanto isso, para aqueles que empreenderam o caminho do retorno à Argentina, as dificuldades pareciam se avolumar de forma assustadora. José V., um quadro do clandestino *Partido Socialista de los Trabajadores* (PST) e refugiado no Brasil desde 1979 (após ter sua casa invadida pelas forças repressivas, em Buenos Aires) nos comentou seu sofrido retorno, quando suas efêmeras esperanças iniciais se esvaíram e percebeu o choque de voltar a um país convertido em “terra arrasada”:

*“Volví en diciembre de 1983, esperé que hubiera la amnistía. [...] Al principio, con esperanza, pero comenzamos a ver que el gobierno de Alfonsín, si bien nunca tuvimos expectativas con el gobierno de Alfonsín, comenzó a amnistiar a los militares, la falta de perspectivas políticas, la destrucción de la izquierda porque nos mataron treinta mil personas,*

*militantes, simpatizantes y lo difícil que era reconstruir algo... [...] En Argentina había cambiado todo. ¡Yo no había visto el tamaño de la derrota que habíamos sufrido! [os setores de esquerda] [...] ¡El problema era vivir ahí!”.*  
(Entrevista com José V. realizada em Porto Alegre - 20/06/2007)

Como muitos retornados, José acalentava sentimentos contraditórios com relação ao retorno da democracia. Por uma parte, havia esperança de que o governo empreendesse uma política de justiça e verdade, punindo os responsáveis pelas arbitrariedades e crimes cometidos durante a ditadura. Por outro, certa desconfiança em relação à composição desse “governo democrático”. De fato, o posterior desenrolar dos fatos o levou a uma postura descrente em relação à possibilidade de consecução de uma efetiva política concernente a condena das violações dos direitos humanos. Sem falar que o momento político tampouco parecia apropriado ao retorno dos ideários de esquerda, em função dos estigmas remanescentes na sociedade carregados na indefectível “teoria dos dois demônios”.

Embora de forma distinta, o retorno à pátria também foi uma experiência muito desgastante para Rafael N. Antigo militante socialista e oriundo de um lar operário, ele e a família haviam deixado o seu país em 1980, quando finalmente conseguiram reunir as condições necessárias para a saída. O Brasil, para ele, não era um itinerário desconhecido, pois trabalhara em Porto Alegre e São Paulo por oito anos. Em seu diário, um ano após o seu retorno à Argentina pós-ditatorial, ele registrou com minúcias o seu crescente desencanto, a falta de esperança e de perspectivas que tomavam conta de sua pessoa e, quiçá, de uma grande parte da sociedade argentina, uma vez passada a euforia inicial pela redemocratização e a promessa de novos rumos:

31/12/1984 – ¡Último día del año! Finalmente llega al fin un año más sin pena ni gloria; un año de imprecisiones y tanteos, un año con sentimientos encontrados, sin ideas claras y sin convicciones...un simplemente dejar correr los días...uno tras otro, a la espera de algún acontecimiento inesperado capaz de hacerme vibrar...un año opaco y hostil, un año de pocos recuerdos gratos y muchos días anodinos y/o tristes. ¡Adiós 84, no te voy a añorar! (Diário de Rafael N., 1985)

Por outro lado, a profunda crise social e a debilitada economia argentina em nada incentivavam os possíveis candidatos ao retorno. Tendo em vista melhorar o quadro social e econômico, a equipe econômica de Alfonsín colocou em prática um projeto redistributivo, com medidas de ação social, como concessão de microcréditos e políticas assistencialistas aos setores mais carentes. Um pacote de medidas econômicas para 1985 (o plano *Austral*) tentou frear a inflação, congelou salários e preços, além de realizar o ajuste fiscal. Apesar de contar com certo sucesso e apoio inicial da população e até mesmo o respaldo das instituições financeiras internacionais, o plano fracassaria um ano depois. As medidas do plano foram duramente criticadas pelos setores corporativos capitalistas e pelos sindicatos opositoristas, com quem o governo teve sérios confrontos. Na verdade, o sucesso



do plano dependia de uma disciplina e solidariedade coletiva de todos os atores sociais, mas é evidente que nem todos os setores estavam dispostos a colaborar. Para driblar o crescente déficit, o governo terminou enveredando por um caminho oposto, questionável e que também fracassaria: uma política de privatizações com o intuito de capitalizar e reduzir gastos.

Mais uma vez, Rafael fez constar, naquele momento, sua preocupação com a insegura e instável situação do país, registrando seus medos frente ao fracasso e a pobreza e revelando certa culpa por haver retornado “a uma sociedade enferma e triste”, manobra com a qual teria arriscado o futuro da sua família:

10/03/1985 – lo que realmente me preocupa ahora es la situación económica, pues no se ven perspectivas y tengo miedo en invertir los pocos pesos que me quedan y perderlos...no sé si mi intención original de aguantarme en BSAS un año la voy a poder cumplir porque tengo la sensación de que puedo perder lastimosamente el tiempo y que lo mejor sería vender todo de una vez y rajarme violentamente, esta es una sociedad enferma y triste. ¿Cuál es el futuro para [seu filho]?... ¿Yo que tengo que perder? [...]  
01/04/1985 – Estoy escuchando la radio y por las noticias que dan, tengo ganas de agarrar las valijas y desaparecer del país...se pronostica más recesión e inflación... ¡Hoy se negocian prestamos de dinero al 32 y 35% mensual! ¿Será que esto tiene arreglo? El dólar paralelo a \$470 [...]  
15/04/1985 – El país anda a las patadas y se pronostican tiempos muy sombríos (¿más todavía?) Realmente, cada vez estoy más convencido del error que hice de venirme de Brasil... a complicarme la vida en una sociedad en crisis... si las cosas no mejoran, (**quiero**) tener la libertad suficiente para irme (ya definitivamente) hacia donde soplen mejores vientos. (Diário de Rafael N., 1985)

Apesar da singularidade de tais percepções, elas são um claro relato de tempos difíceis, de ambientes densos e horizontes sombrios: hiperinflação, instabilidade política, crise econômica, caos social. O que nos ajuda a compreender porque uma grande parte daqueles retornados empreendeu, pouco tempo depois, uma viagem em sentido contrário. Ou seja, de volta aos lugares de emigração, após verificar as frágeis condições econômicas, políticas e sociais em que se encontrava a Argentina pós-ditadura.

Contudo, mesmo apesar da grave situação, alguns emigrados sentiam que o retorno era necessário, talvez como uma forma de restituição de “algo” perdido (a identidade, a história, o passado, etc.) ou como encerramento de um ciclo de vida interrompido, no caso particular daqueles que tiveram que sair sem muita escolha.

Em 1977, o engenheiro Gabriel Martinez, militante laico junto aos padres terceiro-mundistas, deixou La Rioja após a morte do Bispo Angelleli<sup>4</sup> e, desde então,

---

<sup>4</sup> Em julho de 1976, o Bispo de La Rioja, Monsenhor Enrique Angelelli sofreu um acidente automobilístico que ceifou sua vida. O “acidente” teria sido um assassinato forjado por agentes da ditadura civil-militar. (Duhalde, 1999: 372)

se encontrava residindo e trabalhando no Brasil. Embora em 1983-1984 a possibilidade de retorno não ainda não se perfilasse como algo factível no seu íntimo, ela reacendeu com força algum tempo depois. Em 1986 Gabriel havia recebido diversos convites para continuar a trabalhar no Brasil e inclusive lhe ofertaram vagas na Europa. Entretanto, as atrativas propostas foram recusadas por ele, pois sentiu uma espécie de chamado “telúrico” que lhe dizia que era hora de voltar, independentemente das perdas no campo profissional e econômico que isso podia lhe ocasionar. No seu caso, parece que o sentimento abafou a voz da razão.

*“Podía haber vuelto antes, pero yo no me sentía con ganas de volver [...] Yo estaba con una nostalgia y yo quería resolver este problema. Yo no me había ido a Brasil porque había querido, fui por necesidad. Entonces, el trauma de la salida, del desarraigo, lo tenía que resolver [...] A pesar de que muchas veces me he arrepentido de haber regresado, porque había cosas que aquí no me gustaban, pero siempre que hacia el balance daba positivo a favor de haber regresado. Digamos, que daba más salud emocional eso. Pero claro, profesionalmente... Bueno, hay que sacrificar.”*  
(Entrevista telefônica com Gabriel Martínez Agüero, desde La Rioja - 22/11/2010)

Além da questão social e econômica, outro medo permeava a sociedade naquele tempo: a possibilidade de um novo golpe, apesar dos esforços do governo para fortalecer as instituições democráticas, em um país de poucas tradições democráticas e marcado por uma cultura política tradicionalmente violenta e intolerante. E nesse sentido era primordial definir o papel dos militares na democracia. Buscando um equilíbrio entre os reclamos da civilidade e as propostas militares, Alfonsín pretendia que as próprias Forças Armadas se encarregassem de responsabilizar os culpados dos crimes, de julgá-los e indicar a punição. Ou seja, que as Forças Armadas se subordinassem de uma vez ao poder civil.

Entretanto, muitos setores duvidavam que os militares fossem se submeter, antes pelo contrario, e isso se colocava como mais um entrave ao retorno dos emigrados políticos, que temiam ser pegos em uma espécie de ratoeira. O conselheiro Jair Krischke, do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), de Porto Alegre, foi chamado pela ACNUR a intervir e auxiliar no processo de *desexilio*. Em seu depoimento, ele explicou as dificuldades e temores a ser defrontadas pelos retornados na volta à terra natal:

*“Muitos argentinos temiam a volta, então queriam entrar no território acompanhados. [...] por isso nos tivemos que intervir, acompanhando. Eu quis te frisar isso porque não é algo tão fácil, que nós não entendemos, nós os brasileiros. Os argentinos sabiam bem do que se tratava... o terror que havia acontecido lá fazia com que eles não acreditassem*

---

*muito de que ‘ah, agora é democracia!’ . E muitos dos que voltaram, passaram um tempo e regressaram, por insegurança, não acreditando muito na solidez da democracia e outros por questões econômicas também [...]*  
(Entrevista com Jair Krischke, realizada em Porto Alegre - 25/08/2008)

Além disso, a assunção do governo civil em nada modificara a estrutura militar e também pouco abalara o aparelho repressivo, embora a diminuição da “atividade” fizesse com que alguns dos repressores saíssem de cena e se tornassem “mão-de-obra desocupada”, passando a emprestar o seu *know-how* ao crime comum. De fato, relatórios de organizações de direitos humanos confirmam que muitos retornados, especialmente em cidades menores onde o anonimato era difícil de manter, passaram a receber ameaças de seus antigos algozes, sendo que alguns chegaram a ser atacados, tornando-se vítimas pela segunda vez. Em um de seus depoimentos, Juan nos comentou um destes trágicos casos:

*“El aparato represivo de Córdoba no se levantó hasta el día de hoy. [...] en plena democracia, cuando viene Alfonsín, yo tengo un compañero que estaba exiliado en Dinamarca y cuando vuelve lo torturaron, lo dejaron... y hoy está perdido. Le hacían tortura psicológica día a día, lo agarraban en la calle, ¡fue terrible! Hoy sigue con los fantasmas, que lo persiguen...”*  
(Entrevista com Juan. P. realizada em Porto Alegre - 09/08/2008)

Por fim, frente ao descaso dos militares, em 1985, os comandantes da Junta acabaram sendo julgados na justiça civil e, aos poucos, começava-se a indiciar também os oficiais de menor graduação. Isso provocou a revolta dos militares que passaram a enfrentar duramente o governo. A partir daí, a antinomia do poder civil *versus* o poder militar dominou a Argentina até o final da década de 1980. A cada avanço da Justiça na punição aos crimes da ditadura se refletia em boatos golpistas e ameaças de quartelada, desestabilizando o poder civil ao ponto de levar o Executivo a frear a ação da Justiça (leis de *Punto final* e *Obediencia debida*) para evitar a revolta nas casernas.

Apesar do apaziguamento governista, o médio oficialato protagonizou um levante na Semana Santa de 1987, exigindo a revisão dos julgamentos, condenando os generais como “traidores” por intentar culpabilizar os subordinados e assumindo-se como o “verdadeiro” exército nacional, reivindicando sua vitória na guerra contra a guerrilha. Sob forte pressão popular e após tensas negociações, os rebeldes depuseram armas e foram detidos. No entanto, isso não significou a vitória para o governo. As negociações desgastaram a imagem do governo perante a opinião pública, que considerou claudicante seu desempenho. Conforme Romero, tal conluio era a evidencia do fim de uma ilusão:

La civilidad era incapaz de doblegar a los militares. Para la sociedad, era el fin de la ilusión de la democracia. Para el

gobierno, el fracaso de un intento de resolver de manera digna el enfrentamiento del ejército con la sociedad, y el comienzo de un largo y desgastante calvario. (Romero, 2004: 251)

Mais duas rebeliões da extrema direita militar durante 1988 enfraqueceriam ainda mais o governo, evidenciando a limitada capacidade de manobra e o cada vez mais reduzido leque de apoios que este possuía para enfrentar o problema militar. Para os militares, a resolução desta questão passava unicamente pela concessão de uma anistia irrestrita que conduzisse a um progressivo “esquecimento” dos crimes da ditadura.

É evidente que o somatório de tais condições levou muitos retornados a ponderar se deviam permanecer na Argentina. Pois, se por um lado, o cenário político era caótico e permanentemente ameaçador, pelo outro, os rumos da economia eram incertos e as perspectivas de melhoria social quase nula. Assim, de que adiantava haver voltado? Que condições efetivas o país oferecia para a retomada de uma vida plena? Portanto, o desejo idealizado do retorno se chocava brutalmente com a realidade concreta de um país em profunda crise. Rafael foi um dos que fizeram essa reflexão a respeito da validade e viabilidade da permanência. Como vimos anteriormente, em seu diário ele registrou a sua insatisfação com situação do país. Neste excerto, no entanto, se observa que Rafael percebeu que, além de ser socialmente afetado pelos inúmeros problemas da Argentina, ele e seu filho sofriam particularmente com um problema subjetivo, efeito do desarraigo, de sentir-se fora de lugar.

25/01/1985 – A veces pienso que sería mejor volver a Brasil, aunque sé muy bien que el problema no es del país (aunque influye) sino más bien mío y de [seu filho]...la diferencia (si nos vamos a Brasil) es que qué allí estaría (por lo menos el) más a gusto con sus amigos y compañeros de escuela; de mi parte no habría gran diferencia... (Diário de Rafael N., 1985)

Em 1986 Rafael voltou por segunda vez ao Brasil. Também José empreendeu o caminho de regresso ao Brasil. Desta vez não mais forçado, mas sim por opção própria. Em seu depoimento transparece também esse sentimento ambíguo, essa situação paradoxal de estar “desencaixado” naquele que deveria ser o “seu lugar”:

*“Milité con las Madres [de Praça de Maio], no tenía partido político. Le propuse a mi compañera volver a Brasil. No quiso. Me separé, hice terapia. En el 1987 me volví para acá. Realmente, me encontré mucho mejor acá [Brasil] que allá”.*(Entrevista com José V. realizada em Porto Alegre - 20/06/2007)

Assim, José e Rafael, tal como muitos outros argentinos, assistiram de longe o fim do primeiro governo da redemocratização argentina, acuado sob o signo da ingovernabilidade, da instabilidade política e do colapso da economia: Alfonsín, pressionado pelos rumores golpistas e a ameaça de novos levantes; pela hiperinflação

e a desvalorização da moeda nacional, além do corte dos créditos internacionais, concordou em antecipar a entrega do poder ao novo presidente eleito, Carlos Menem.

### **A Sina do Sujeito Eternamente Dividido**

Quase todo desterrado almeja retornar, voltar a viver em sua terra natal. Mas a questão é: quanto tempo esse retorno pode demorar em acontecer? Esta incerteza é o que dá ao exílio, de um modo geral, uma feição temporária, o que faz com que muitos exilados se instalem de modo provisório, não tecendo maiores vínculos com o lugar de acolhida. Assim, o exilado pretende que sua estadia “fora” do seu país seja um lapso transitório. Enquanto isso ele espera, em uma espécie de “limbo estrangeiro”, uma mudança conjuntural ou a solução do problema político-social que o fez abandonar sua terra. Para a psicóloga Ildis Carrasco, o termo “exílio” implica sempre numa idéia de retorno:

[...] el retorno estuvo presente siempre, desde el momento de la partida, en forma de fantasía. Durante mucho tiempo actuó dificultando la adaptación, el aprendizaje de la lengua y la aceptación de las normas de la sociedad de acogida.  
(Carrasco, 1995: 82)

Mas o que fazer quando o exílio se prolonga temporalmente além do previsto e o exilado, após tecer uma serie de relações sociais, criar vínculos diversos e desenvolver novas lealdades, converte-se, muitas vezes sem se dar conta, em “residente”?

De certo modo, é o que aconteceu com Andrea. Durante anos, ela acalentou a possibilidade da volta, mas quando este retorno parecia próximo de se materializar, ela decidiu permanecer no Brasil:

*“Y fijate vos que recién ahora, que es un proceso... la verdad que durante mucho tiempo te pasa eso, no sabes cuál es tu lugar. [...] no sabes si es allá o si es aquí. Yo, durante mucho tiempo, no sentí Porto Alegre como mi lugar. No lo sentía. [...] Estos últimos años, yo estaba con intenciones de jubilarme y mi intención era ir y estar más un tiempo allá. Pero que pasa, ahí yo me voy para allá, que está mi familia, mi hija y mi nieta, y yo conozco gente de la Universidad [...] por ahí me invitan a que de una charla, pero la verdad es que yo no soy más nadie. O sea, yo no estoy dentro del sistema allá. Yo soy una argentina que vive en Brasil y soy una investigadora más brasileira que argentina [...] Aquí yo circulo, yo me siento parte, integrada a este país, más que allá. [...] Aquello fue mi experiencia de vida y ya no más.”*  
(Entrevista com Andrea T. realizada em Porto Alegre - 01/04/2008)

O que havia se passado? Andrea descobriu que obtivera uma espécie de “dupla identidade” combinada. Ou seja, se havia uma Andrea “argentina”, desarraigada e que vivia detida num tempo passado, hoje ela percebe que há uma

Andrea “argentino-brasileira” (nem sempre nessa ordem), melhor inserida socialmente e pertencente à dinâmica do tempo presente. Entretanto, como ela mesma expressou, não foi fácil aceitar e reconhecer-se dentro desta dualidade conflitiva. Já explicaremos isso melhor.

O que acontece é que uma vez que a pessoa se adapta ou se insere no ritmo da sociedade nova, abandonando essa transitoriedade que caracteriza o exílio (e outras migrações de caráter temporário), a possibilidade de concretizar esse retorno (antes tão almejado) se torna algo inquietante e ambivalente. Pois voltar a terra de origem significa uma “nova” partida, vivida quase como se fosse um “segundo exílio” e que, como tal, acarreta uma “nova” fratura de identidade, exigindo um “novo” período de adaptação e reinserção, etc. Uma perda, no sentido de “luto”, dos novos referenciais de vida adquiridos a muito custo, e esta perda deve ser reelaborada. Voltar, por sua vez, também implica na rememoração das situações ou motivos, geralmente desagradáveis, que levaram a pessoa à saída. Enfim, o conflito íntimo e a angústia se tornam constantes.

Além disso, se por um lado, a ideia do retorno propicia um sentimento de euforia e expectativas positivas em função do reencontro com tudo o que foi deixado para trás no país de origem (família, amigos, lugares em comum); pelo outro, o contato com a realidade do país pode ser física e psicologicamente avassalador. O que ocorre é que o local da volta é sempre diferente daquele que foi deixado. Ou, como assevera Denis Merklen,

El presente de su tierra transformada lo confronta a la tragedia de una identidad que añora algo que no existe. Y esa evocación infantil se redobla en el exiliado del desplazamiento forzado a una tierra no deseada. (Merklen, 2007)

O sonho do retorno perde assim seu “encanto”: a pessoa descobre prontamente que aquele lugar ao qual se pertencia não lhe pertence mais, pois ninguém “guardou” o lugar daquele que partiu. A dinâmica da vida prosseguiu seu curso habitual, independente da presença do exilado. Segundo Carrasco,

Empieza entonces un tempo de repliegue y de nostalgia, y se siente soledad: es el momento en que se va elaborando el duelo por el país de exilio. Es en este periodo donde los que no pueden superar esta situación, vuelven al país de exilio. (Carrasco, 1995: 89)

Não são poucos os que decidem se poupar deste desgastante e complexo processo de reinserção e evitam o retorno definitivo. Outros retornam aos poucos, ou executam movimentos de vaivém, alternando entre um e outro país, às vezes, como forma de mitigar as dores de uma cicatriz permanente.

Ernesto visita a Argentina frequentemente, mas se sente “fora-de-lugar”, parado no tempo quando visita o país. Há um descompasso evidente entre a realidade do hoje e o seu imaginário subjetivo. A “sua” Argentina é ainda aquela que ele deixou nos idos de 1975 e o “hoje” dessa Argentina, para ele, não faz sentido.

Evidentemente, ele também não é mais o mesmo. Ele mudou e essa mudança também pesa nesse desencontro entre passado e presente:

*“Pero, cuando voy, me estreso... aquella imagen que me produce, no me encuentro. A pesar de que tengo un montón de amigos que los veo todavía, pero no me encuentro. Me parece que estoy parado hace 50, 30 años y extraño. Por ahí, esa decepción hace que acá me sienta mejor, ¿no?”*

(Entrevista com Ernesto T. realizada em Porto Alegre – 08/08/2008)

De qualquer forma, estas pessoas permanecem divididas entre um lugar e o outro e, como afirma Juan Vives-Rocabert, eternamente situadas em uma curiosa condição de “estrangeiros permanentes”, pois mesmo o retorno à terra natal, implica em ser considerado “diferente” na própria pátria, o que leva a um novo estranhamento e assim por diante. O conflito de lealdades oscila entre ser de um país, ser do outro, ser dos dois ou de nenhum deles. De qualquer modo, é algo complexo, imbricado e irresolúvel. Como explica Vives-Rocabert,

El sujeto migrante queda escindido entre una patria de origen y una patria adoptiva; entre el amor a la cultura originaria y el contacto con una nueva forma de entender la vida y códigos de convivencia aprendidos en la infancia. Esta escisión durará toda la vida y son muy variadas las formas que los migrantes enfrentan esta situación. [...] la identidad queda fracturada para siempre, se trata de sujetos basculando entre dos objetos libidinales, cuya solución se intenta integrar en la palabra, en la invención de términos en los que se combinan ambas lealtades: así nacen los argentino-mexicanos, los judeo-mexicanos [...] etc. El resultado dependerá del establecimiento de una escisión permanente o de la posibilidad de una integración más o menos feliz de las dos vertientes de identidad. (Vives-Rocabert, 2003:57-59)

Gabriel demorou algum tempo em descobrir esta cisão identitária existia. Depois, veio a perceber a sua profundidade e o seu caráter de fenómeno permanente. Nas suas palavras, expressou-o metaforicamente como uma sensação “estar partido ao meio”, a ruptura da unicidade do eu.

*“A uno le gusta los espacios de tierra y poca gente [...] y cuando va a un lugar que hay muchos habitantes se siente como asfixiado, una sensación de hacinamiento. [...] Claro, el horizonte, yo extrañaba todas esas cosas cuando estaba allá, que es muy distinto a las llanuras y montañas de acá y allá es todo ondulado, muy distinto, entonces yo extrañaba el paisaje. [...] La geografía se siente mucho y para decirte que los años que estuve allá también dejaron su marca, Entonces,*

*ahora, siento nostalgias de esa geografía brasileña. Uno queda partido al medio...*

*P: El dilema del exilio, uno nunca vuelve...*

*Sí, eso pasó. Al regresar acá nos dimos cuenta que queríamos seguir viviendo como igual que antes... entonces uno continua “medio” exilado.*

*P: Ese choque de regresar... ¿Ud. lo sintió?*

*Uno venía con la gran ilusión de regresar de nuevo, y cuando regresa se da cuenta que nada es igual, ni uno mismo es igual, todo ha cambiado y hay cosas que le faltan. Por ejemplo, uno dice: “pero acá falta algo... ¿pero que falta?” Ah, claro, veía a la gente y no veía gente de color. Acá faltan los negros, los mulatos, solo hay “gringos”... bueno, a lo sumo, criollos. [risos] Falta realmente el feijão, la comida, el olor en las calles a vela, de los umbandistas. Uh, faltan cosas... ya me había acostumbrado. Y entonces ahí empecé a entender que nunca me acostumbraría ni a un lugar ni a otro. Después empecé a hacer una sucesión de viajes [...] hacia como dos o tres viajes por año a Brasil, visitar a la gente... necesitaba de ese ambiente... no tiene solución.*

*P: Es que la persona queda dividida, pasa a tener dos identidades, Ud. se tornó un poco brasileiro también...*

*Sí, hay una parte que sí. Tanto es así que a cada viaje me compraba música sertaneja, gaúcha, de esas que nos gustaban porque calaban hondo, me hacían ir al ancestral de esa identidad, al folklore. ¡No el MPB, eso es música para la burguesía! En cambio, la de los camioneros, que se yó... [...] quedó en la memoria nuestra.” (Entrevista telefônica com Gabriel Martínez Agüero, desde La Rioja - 22/11/2010)*

Para Gabriel, a forma de resolver esse problema da ruptura de identidade original passou pela possibilidade de combinação das duas vertentes identitárias, pois uma parte de si pertencia já (e definitivamente) ao Brasil; país adotivo pelo qual veio a nutrir uma grande afeição, algo impensado à época do seu exílio. Esse apego afetivo se expressava na sua necessidade de retornar ao Brasil e cercar-se de artefatos culturais brasileiros (no caso, os discos de música) que pudessem transportá-lo, pelo menos mentalmente, ao Brasil, além de servir como “bálsamos” espirituais para aliviar as saudades do seu “lado” brasileiro.

### **Considerações finais**

O retorno, tal como esperado pela maioria dos exilados, não ocorreu. Na distância da terra estrangeira, a mente do emigrado tende a idealizar o seu país e imagina o momento de reencontro com a pátria-mãe. E embora conscientemente o indivíduo até possa perceber a idealização fantasiosa que povoa tais recordações, ele frequentemente vive aferrado ao país do passado, que teima em parecer tão “presente e real”, pois permanece como congelado em suas lembranças e sonhos. Contudo, estes contornos nítidos e bem delineados, quase fotográfico do ordenado cenário mental imaginado pelo sujeito, se tornam difusos e se esvaem quase que



abruptamente frente ao choque com a realidade concreta do país no presente. Este é o axioma do exílio: nunca se retorna ao lugar da partida.

### **Bibliografía:**

- Bayer, Osvaldo y Gelman, Juan. (2006) *Exilios* (Bs As: Planeta).
- Carrasco, Ildis S. “Retornar no es solo volver, sino también irse”. En: VV. AA. (1995) *Represión y olvido: Efectos psicológicos y sociales de la violencia política dos décadas después* (Montevideo: Editorial Roca).
- Duhalde, Eduardo L. (1999) *El Estado terrorista argentino. Quince años después, una mirada crítica* (Buenos Aires: EUDEBA).
- Merklen, Denis.(2007) “Sufrir lejos, quedarse juntos. El exilio de los uruguayos en Francia.” En: Gonzales Bernaldo de Queiros, Pilar. *Dossier: Emigrar en tiempos de crisis al país de los derechos humanos. Exilios latinoamericanos en Francia en el siglo XX*. Anuario de Estudios Americanos (Sevilla) Volumen 64 N°1.
- Novaro, Marcos y Palermo, Vicente. (2003) *La Dictadura Militar 1976/1983: del golpe de Estado a la restauración democrática* (Buenos Aires: Paidós).
- Romero, Luis A. (2004) *Breve historia contemporánea de la Argentina: 1916-1999* (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica).
- Vezzetti, Hugo. (2002) *Pasado y presente. Guerra, dictadura y sociedad en Argentina*. (Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores)
- Vives-Rocabert, Juan. (2003) “El extranjero y sus hijos”. En: Blanck-Cereijido, Fanny y Yankelevich, Pablo (comp.). *El otro, el extranjero* (Buenos Aires: Libros del Zorzal).
- Zuccotti, Juan C. (1987) *La Emigración Argentina Contemporánea (a partir de 1950)* (Buenos Aires: Editorial Plus Ultra).

### **Documentos:**

- Diário de Rafael N., ano 1985. Arquivo do autor.
- Informe de OSEA para las Segundas Jornadas sobre Problemas de Repatriación y Exilio, Septiembre 1988*. Arquivo do Centro de Estudios Legales y Sociales (CELS).
- Jornal *El País*, 11/12/1983. Edição digitalizada disponível em: [http://elpais.com/diario/1983/12/11/internacional/439945205\\_850215.html#despiece](http://elpais.com/diario/1983/12/11/internacional/439945205_850215.html#despiece)
3. Acessada em 10/08/2013.